

Mudanças radicais no mundo da pesquisa e da inovação



» MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES
Pesquisador da Embrapa
Agroenergia

entre disciplinas, cientistas e instituições.

A resistência a mudanças poderá, no entanto, ser vencida por alterações radicais na forma de se produzir e integrar conhecimento. O recente e explosivo avanço da inteligência artificial (IA) já impacta de forma profunda o paradigma científico dominante, permitindo a combinação de vastas quantidades de dados, a sinergia entre métodos analíticos avançados e a colaboração interdisciplinar em escalas nunca antes imaginadas.

Modelos generativos, como o ChatGPT e os muitos sistemas que o seguiram, demonstram um potencial transformador na forma como o conhecimento científico é produzido e aplicado. Esses agentes são capazes de processar e analisar volumes massivos de dados com velocidade e precisão que superam largamente as capacidades humanas, permitindo identificar padrões, formular hipóteses e sugerir soluções inovadoras para problemas cada vez mais complexos.

Ao atuar como colaboradores na descoberta científica, esses modelos não apenas aceleram o ciclo de pesquisa e inovação, mas também ampliam o escopo das investigações, integrando conhecimentos de diferentes disciplinas. Essa nova dinâmica redefine o papel do cientista humano, que poderá se concentrar em tarefas de maior valor estratégico, como a formulação de perguntas, a interpretação crítica de resultados e a tomada de decisões éticas.

O fato é que a colaboração entre humanos e IA tem enorme potencial de ampliar a criatividade científica ao liberar os pesquisadores das limitações impostas por processos rotineiros, permitindo que se concentrem na exploração de novas fronteiras do conhecimento. Dessa forma, os modelos baseados em IA não substituem os cientistas, mas expandem seu papel, criando oportunidades inéditas para a inovação interdisciplinar e a resolução de desafios de crescente complexidade e relevância.

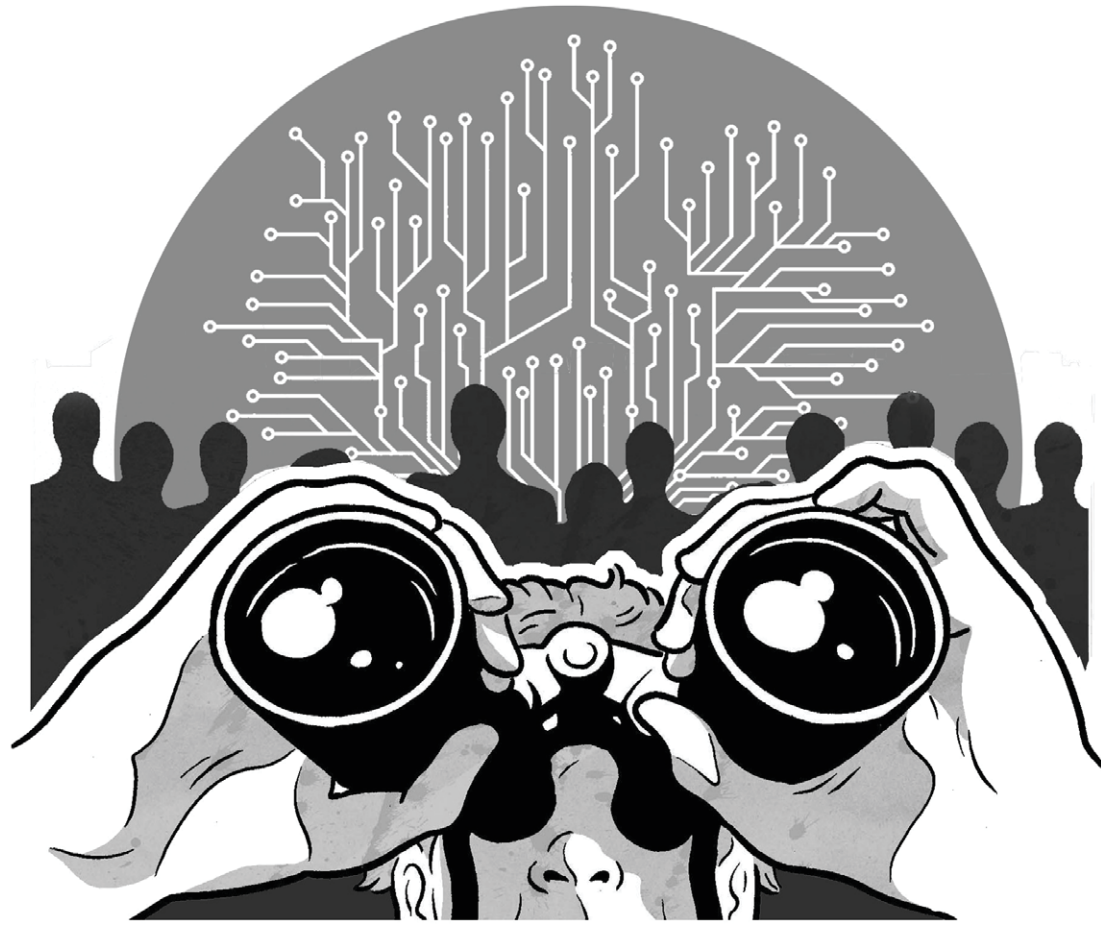
Um exemplo ilustrativo é o conceito de

Laboratório Virtual, criado na Universidade de Stanford, EUA. Nele, agentes de IA treinados em diversas disciplinas, coordenados por pesquisadores humanos, dividem problemas complexos em tarefas gerenciáveis, criando um modelo inédito de pesquisa sistêmica. Estratégia que desafia os paradigmas convencionais de geração de conhecimento, acelerando o desenvolvimento de soluções por meio de modelagem computacional e validação experimental.

Laboratórios Virtuais assim concebidos democratizam o acesso a ferramentas avançadas, capacitando equipes menores a competir com grandes centros de pesquisa. Na China, a empresa DeepSeek lançou recentemente um modelo de IA de código aberto com desempenho comparável a concorrentes ocidentais, mas a custos reduzidos. Esse avanço mostra que a revolução da IA não é privilégio de gigantes da tecnologia, mas pode ser impulsionada por ecossistemas abertos que podem acelerar descobertas e produzir impacto global.

Diante desse cenário, é essencial que organizações tradicionais de pesquisa se questionem sobre o futuro: como integrar agentes inteligentes sem perder o rigor científico? Quais processos devem ser repensados para permitir uma colaboração fluida entre humanos e IA? Quais habilidades e competências serão fundamentais para garantir a relevância institucional em um mundo em rápida transformação?

O fato é que vivemos um momento decisivo para a pesquisa científica e tecnológica, pois o que, até há pouco, considerávamos tendências já é realidade palpável. Agilidade e capacidade de adaptação é que determinará quem será protagonista nesse novo cenário. O grande desafio será garantir que essas inovações sejam utilizadas para expandir as fronteiras da ciência e da tecnologia de forma inclusiva, transparente e sustentável.



A luta pela criação de um Memorial no antigo DOI-Codi



» MOACYR DE OLIVEIRA FILHO
Diretor de Jornalismo da Associação
Brasileira de Imprensa, ex-preso
político, participou da Comissão
Nacional da Verdade

de São Paulo pediu um prazo de 90 dias para apresentar uma contraproposta. O que, até hoje, não aconteceu.

Pela primeira vez, a Justiça, na pessoa do juiz José Eduardo Cordeiro Rocha, da 14ª Vara da Fazenda Pública de São Paulo, pisou oficialmente naquele centro de tortura.

Entre 2 e 14 de agosto de 2023, foram realizadas escavações arqueológicas, com o objetivo de explorar os vestígios do local, como objetos, estruturas arquitetônicas e registros documentais. A investigação foi feita por pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Em junho de 2024, com as atividades desenvolvidas pelo GT Memorial DOI-Codi, coordenado pela historiadora Deborah Neves, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), aquele espaço foi reconhecido como Ponto de Memória pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram).

Estima-se que de 1969 a 1976, cerca de 7 mil pessoas foram presas ali, quase todas torturadas, das quais 78 foram mortas por ação direta de seus agentes, sob martírio, ou executadas em operações de rua, sendo 38 delas na tortura.

O objetivo final dessa luta é a entrega de todo o complexo arquitetônico tombado, da Secretaria de Segurança Pública para a Secretaria de Cultura e sua transformação em memorial.

No entanto, deve-se entender as dificuldades de se conquistar isso, uma vez que, ao contrário do prédio velho, que está totalmente desocupado, o espaço onde funciona a 36ª DP está hoje

parcialmente ocupado por órgãos da Polícia Civil, que resiste em liberá-los. E devem estar abertos para aceitar uma eventual contraproposta que seja apresentada, excluindo o prédio da Delegacia.

Ex-presos que ali passaram entendem que na principal sala de tortura devem ser reproduzidos um pau de arara, uma cadeira do dragão, uma máquina de choque, conhecida como "pimentinha", e um capuz, e que as celas, hoje descaracterizadas por várias reformas, devem ser reconstituídas como eram na época.

Sugerem que sejam colocadas fotos dos 78 mortos, com suas biografias, a reprodução de fichas de identificação de alguns dos presos, a grade de presos, declarações de próprio punho, e exibição de vídeos de depoimentos de ex-presos.

E os torturadores? O que fazer com eles? Não há clareza sobre isso, mas deve se pensar sobre a possibilidade de um espaço onde seus nomes e codinomes seriam relacionados, vinculando-os aos assassinatos pelos quais são os principais responsáveis, e, quem sabe, fotos dos mais notórios.

Essas são algumas questões que devem ser discutidas no workshop, mas o importante é que todos os envolvidos no debate — acadêmicos, juristas, entidades, ex-presos, estejam unidos para que se conquiste o Memorial possível, que retrate com precisão o que era aquele ambiente de terror.

"A sucursal do inferno", como gostava de alardear o comandante do DOI-Codi, o então major Carlos Alberto Brilhante Ustra, o Doutor Tibiriçá, um dos ídolos do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça!

Visto, lido e ouvido

Desde 1960 (Circe Cunha (interina))



circecunha.df@dabr.com.br

Sentido da palavra

Muitos fatos correlatos, pouco ou nada explorados, e propositalmente omitidos por muitos, deveriam ser objeto de honesta reflexão, por todos que se interessam pelos casos envolvendo as recorrentes deportações de brasileiros dos Estados Unidos (EUA) para o Brasil. A começar pelo simples detalhe de que todos os brasileiros que rumaram por livre vontade para os Estados Unidos o fizeram, porque não encontraram, em sua própria terra natal, condições dignas de prosperar como indivíduos ou mesmo como trabalhadores.

A desesperança e a total falta de perspectivas são os motores que impulsionam os brasileiros a buscar um futuro melhor para si e para os seus lá fora. Gerações após gerações, os brasileiros puderam constatar, da pior maneira possível, que a cada ano que passa a deterioração da economia em geral, empurra-os para fora do país. A escolha é entre ficar por aqui e viver desesperançado, trabalhando apenas para sobreviver no dia a dia, ou ir em busca de um sonho de melhorar de vida num país onde as coisas acontecem de fato e as chances de um futuro garantido são infinitamente maiores do que as encontradas no Brasil.

É fato que esse tipo de escolha não é fácil e a decisão tem de ser o mais rápido possível, enquanto o indivíduo pode ainda contar com o ânimo e a força própria da juventude. É fato ainda que os brasileiros vêm empobrecendo a cada ano. Para muitos, a emigração é a única e, talvez, a última oportunidade de melhorar de vida. Portanto, vale a pena arriscar quaisquer meios para entrar nos Estados Unidos, inclusive, com risco de perder a vida nessa aventura.

As imensas agruras daqueles que se aventuram a entrar nos EUA demonstram bem até que ponto vale correr esses riscos, para sair de um país eternamente envolto no submundo do desenvolvimento. Não adianta dourar a pílula com fantasias de que nossos emigrantes são apenas aventureiros sem causa. Cada um desses que sai do país sabe muito bem que o empobrecimento paulatino que experimenta é obra de um único personagem: o governo. São os governos que tornam os cidadãos pobres e não quaisquer outros fatores naturais ou morais. Com isso, cabem aos governos a criação de condições para que nossos jovens permaneçam em nosso país. Obviamente, não com esmolas, mas com ferramentas para construir uma nova vida.

O fato de muitos virem de volta para o Brasil, algemados e acorrentados, demonstra ainda que eles retornam de maneira forçada e contra a vontade. Pudessem escolher em permanecer lá fora, a grande maioria nunca mais voltaria para o Brasil. Se houvesse um sincero mea culpa, o governo que tanto alardeou as deportações deveria se empenhar para melhorar as condições econômicas do país e, com isso, reter a fuga de nossos jovens para o exterior.

Ninguém nega o fato de que viver em outro país como forasteiro e imigrante exige grande capacidade e humildade para aceitar as manifestações de xenofobia, que existem e parecem aumentar com a chegada de grandes levas de pessoas aos Estados Unidos. Viver como estrangeiro, num país distante, sempre gera muita dor. Mas, ainda assim, vale a pena, devido às péssimas condições e incertezas de nosso país. Não se enganem: fossem oferecidas condições oficiais de transporte e permanência de nossos jovens nos Estados Unidos, a maioria de nossos compatriotas, no melhor vigor de suas existências, deixariam o Brasil sem olhar para trás.

É isso que deveria ser motivo de preocupação desse e de outros governos. Em entrevistas, os retornados não escondem a decepção com a volta forçada. Muitos até confessam que, na primeira oportunidade, tentarão novamente ingressar nos Estados Unidos. Não há nada de especial nessa onda de emigração. A maioria dos jovens sul-americanos faz o mesmo caminho em busca de melhores condições de vida na América do Norte, principalmente as populações submetidas a regimes totalitários.

O problema não são as algemas e correntes que dos deportados são obrigados a carregar consigo no retorno. O problema real são as algemas e as correntes que aprisionam muitos latino-americanos a seus países, impedindo-os da liberdade e de ter algum futuro digno.

» A frase que não foi pronunciada

"Não vejam as algemas dos deportados como uma forma de degradação humana. Retirando as algemas, a degradação continua."

Donna Dita, vindo o noticiário

» História de Brasília

O Cine Brasília há vários domingos só apresenta filmes proibidos para menores de 18 anos. É o dia das crianças comparecerem ao cinema e estão sempre impedidas. O Serviço de Comunicação do Ministério da Fazenda está com mil processos aguardando tramitação. (Publicada em 26/4/1962)